

# Ruth Landes e Edison Carneiro: matriarcado e etnografia nos candomblés da Bahia (1938-9)

*Jamie Lee Andreson*  
Universidade Federal da Bahia  
Salvador – Bahia - Brasil  
j.andreson1@gmail.com

---

**Resumo:** Este artigo<sup>1</sup> examina o relacionamento pessoal e profissional entre o etnólogo baiano Edison Carneiro e a antropóloga norte-americana Ruth Landes na década 30 na Bahia. Como uma narrativa histórica, utiliza fontes originais para entender a pesquisa de campo que influenciou suas conclusões no livro polêmico de Landes, *A Cidade das Mulheres* (publicado em 1947 em Inglês e 1967 em Português). O artigo também trata do debate em relação à tese principal de Landes sobre o matriarcado como uma estrutura de liderança feminina nos candomblés e aos vários críticos de sua tese após a publicação. Ao final, examina o legado de Carneiro e Landes dentro do campo dos Estudos Afro-brasileiros em termos de suas abordagens sobre raça e gênero.

**Palavras-Chave:** Candomblé, Nagô, estudos afro-brasileiros, matriarcado

---

## Introdução

Ruth Landes, antropóloga treinada pela Universidade de Columbia (EUA), chegou em Salvador, Brasil, no ano de 1938, com o intuito de comparar as relações raciais entre os Estados Unidos e o Brasil. Depois de começar sua viagem no Rio de Janeiro, Landes chegou à cidade de Salvador e encontrou uma cultura afro-baiana bem diferente, especificamente na religião do candomblé. Seu livro, *A Cidade das Mulheres* (publicado em 1947 nos Estados Unidos e 1967 em Português no Brasil), descreveu o candomblé como uma religião matriarcal.

Durante sua viagem, Landes conheceu o etnólogo baiano Edison Carneiro. Ele servia como seu guia nas pesquisas de campo e afirmou em 1964 que, “nunca, absolutamente nunca, letrado algum, brasileiro ou não, tivera tanta intimidade com os

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi realizada durante um intercâmbio em Salvador em 2011, utilizando os arquivos da Biblioteca Barris e, principalmente, as correspondências acessadas no Centro Nacional de Cultura Popular e Folclore (CNCPPF) no Rio de Janeiro e os arquivos do National Anthropological Archives (NAA) do Smithsonian Museum. Usam-se as pesquisas e orientação históricas para entender o contexto social do Brasil e da Bahia na época em que os dois pesquisaram.

candomblés da Bahia” (CARNEIRO: 1964, p. 225). Como uma estrangeira, Landes não teria acesso aos espaços sagrados de candomblé sem a ajuda de Carneiro. Edison, um homem, baiano e acadêmico, treinado neste assunto, tinha relações íntimas com os maiores e mais conhecidos candomblés da época.

O apoio de Carneiro ao longo da carreira de Landes a ajudou a chegar a ser uma autoridade transnacional e controversa na área da religião afro-brasileira. Suas publicações, resultantes das pesquisas feitas juntos, provocaram muitas controvérsias entre acadêmicos brasileiros e estadunidenses sobre questões de raça, gênero e homossexualidade. Discussões acadêmicas sobre a colaboração específica entre Carneiro e Landes geralmente têm sido esparsas, polarizadas e mal-entendidas. Este artigo clarifica suas intenções e conclusões como uma colaboração acadêmica e pessoal que criou uma abordagem diferenciada no campo de estudos afro-brasileiros da época.

### **Os Estudos Afro-Brasileiros na década 30**

Carneiro e Landes trabalhavam nas tradições de suas respectivas universidades e sociedades: a antropologia de Franz Boas, no caso de Landes, e a escola baiana estabelecida por Nina Rodrigues, no caso de Carneiro. Os trabalhos de Carneiro e Landes participavam de um diálogo internacional de novos estudos sobre relações raciais nas Américas e estudos emergentes sobre a diáspora africana (em diálogo com outros acadêmicos como W.E.B. Du Bois, Donald Pierson, Melville Herskovists, e Franklin Frazier). Esses trabalhos eram bem importantes e relevantes dentro do contexto das relações no estado da Bahia, na academia brasileira, e no governo federal dirigido por Getúlio Vargas durante esta época. No caso da antropologia dos Estados Unidos, discussões de cultura em vez de raça contribuíram para mudar os conceitos do papel de raça na sociedade americana numa época de segregação e discriminação racial. Essas condições políticas e ideológicas influenciaram as controversas disputas e recepções variadas aos seus trabalhos.

Os trabalhos de Carneiro nos Estudos Afro-Brasileiros responderam aos teóricos de Nina Rodrigues (1935), Artur Ramos (1942) e Gilberto Freyre (1964). Rodrigues, um médico baiano e pesquisador na década de 1900, foi o primeiro

acadêmico a colecionar data empírica de campo para analisar fenômenos médicos na população afro-baiana. O racismo biológico guiou seus estudos e ele utilizava a igualdade da raça e a genética para explicar a inferioridade genética dos negros. Ele produziu, segundo Romo, trabalhos de "pessimismo racial e envolvimento cultural" (ROMO, 2010, p. 29<sup>\*2</sup>) e fundou a tradição etnográfica dos estudos culturais.

O estudante de Nina Rodrigues, Artur Ramos, continuou com seu legado e o desenvolveu com uma perspectiva pisco-analítico. Ramos focalizou as particularidades da população afrodescendente em termos da psicologia e a preservação dos traços africanos no contexto brasileiro. A tradição formada por Rodrigues encontrou novos teóricos antropológicos do pernambucano Gilberto Freyre, que era estudante do grande antropólogo americano Franz Boas nos anos 20.

Freyre usava a sociologia em vez da biologia para explicar as relações raciais e com este método criou uma teoria nova sobre o papel dos afrodescendentes no Brasil. Esta teoria fazia parte do conceito de "democracia racial", o qual sugeria que o Brasil não tivesse problemas de raça por causa da longa história de mestiçagem entre as heranças portuguesas, indígenas, e africanas. Com a influência de Boas, Freyre aproximou seus estudos da visão de raça como diferente e menos relevante do que a cultura. Seu livro mais importante, *Casa Grande e Senzala* (1933) enfatizou a importância dos fatores físicos e ambientais para explicar as relações raciais específicas no Brasil. Ele descreveu influências positivas e negativas como resultado da incorporação dos africanos no desenvolvimento do Brasil. Esta incorporação funcionava ao lado da ideologia de branqueamento, que tinha como motivação apagar elementos africanos através da mestiçagem e da imigração Europeia.

Edison Carneiro – jornalista, comunista e etnógrafo – não concordava com esta "democracia racial" nem com as abordagens dos acadêmicos nesta área de estudos afro-brasileiros. Seu livro mais influente, *Os Candomblés da Bahia* (publicado em 1948, um ano após *A Cidade das Mulheres*), explica a história, heranças e rituais de candomblé num texto bem compreensivo e sistemático. Este livro tentou revisar a ideia de superioridade das culturas sudaneses apresentadas por Nina Rodrigues, e incorporar a importância das culturas Jeje-Nagô e os Bantus/Angolas, a fim de representar a diversidade das heranças africanas e a mistura racial no Novo Mundo. *Os Candomblés da*

---

<sup>2</sup> As citações marcadas com (\*) indicam uma tradução da fonte pela autora, do Inglês para o Português.

*Bahia* reforçou a superioridade da cultura nagô em relação ao caboclo e apresentou rituais de nagô como a forma certa para todos os candomblés. O livro foi completado após sua colaboração com Landes, incorporando suas ideias do matriarcado e diminuindo o papel dos homens nos candomblés.

Carneiro é reconhecido mais por seu apoio à pureza Nagô e à tese de matriarcado de Landes, mas isso limita a gama e a significação de sua carreira. Carneiro escreveu histórias reconstitutivas para representar a população negra de um jeito mais justo e representativo<sup>3</sup>. Nas suas pesquisas, Carneiro fazia trabalho de campo nos terreiros de candomblés e formava conexões com os líderes e membros dos terreiros para entender melhor as perspectivas de seus sujeitos e assim interagir com a cultura. Landes também acreditava nesse tipo de abordagem na pesquisa. Ela preferia formar conexões pessoais para entender a cultura através dos indivíduos. Esta perspectiva mútua facilitou a forte ligação e colaboração inicial entre eles.

Mãe Aninha, uma mãe de santo bem prestigiosa e importante no terreiro Île Axé Opo Afonjá na década de 30, reconheceu Carneiro como um homem com grande potencial de servir a seu terreiro. Para se apresentar em público, os terreiros elegem um *ogã*, que são pessoas poderosas dentro e fora da comunidade para fornecer apoio, dinheiro e proteção aos terreiros. Isso era muito importante nesta época quando a repressão por parte do estado e da polícia ainda era grande. Dona Aninha designou-o como um *ogã* e lhe deu a autoridade de representar a comunidade em seus trabalhos acadêmicos e profissionais (LANDES, 1947, p. 35, 72). Carneiro usava esta designação em suas pesquisas nos terreiros, em seus trabalhos etnográficos e em seus artigos no jornal *O Estado da Bahia*.

A fim de preparar-se para a viagem ao Brasil, Ruth Landes estudou na Universidade Fisk no estado de Tennessee sob a direção do sociólogo Robert Park, onde ela se orientou com o conceito “do negro no novo mundo”. Ela foi enviada ao Brasil pela Universidade de Columbia com o “objetivo ostensivo de aprender por que esta terra vasta de mulatos com uma mistura de sangue branco, indígena e africano, não mostra problemas de prejuízo nem racismo” (LANDES, s/d, p. 5). Esta noção da

---

<sup>3</sup> Outros exemplos de quais trabalhos de Carneiro incluem seus livros, *A Trajetória de Castro Alves* (1947), *A Cidade do Salvador 1549: Uma Reconstituição Histórica* (1956), *A Insurreição Praieira* (1961), e *O Quilombo dos Palmares* (1946).

harmonia racial formada por Freyre já dizia o que ela imaginava na sua primeira vinda na Bahia.

A autora tinha ideias pré-concebidas do matriarcado também. Num artigo de 1970 ela refletiu: “eu imaginava, segundo os materiais que Park e Pierson me deram na Universidade Fisk, que as mulheres negras iriam ter um papel importante no Brasil, como nas regiões do Ibo e no oeste da África, de onde elas normalmente são derivadas”. Landes admitia sua ingenuidade em relação à história brasileira e à língua portuguesa, porque ela achava que “era quase impossível encontrá-las em Nova York” (LANDES, 1970, p. 120-122\*). Essas preparações e suposições mostraram o contexto que Landes pesquisava, mesmo antes dela chegar ao Brasil. Claro que o Brasil tinha condições inesperadas que desafiaram Landes e a forçaram a adaptar-se de maneiras imprevisíveis na Bahia.

### **Uma americana na Bahia**

A identidade de Landes como uma americana da Columbia University a colocava em uma perspectiva diferente dos acadêmicos brasileiros como Carneiro, Ramos e Freyre. Landes cresceu numa família judia, imigrante e com um pai socialista. Após formar-se na graduação da New York University (NYU), ela trabalhou como assistente social num bairro de maioria negra, o Harlem, em Nova York. Numa palestra ela chegou a comentar que “eu me socializei, ou meus pais se socializaram, em círculos que incluíam estudiosos, artistas, sindicalistas, jornalistas, todos negros” (LANDES, s/d, p. 4). Começou sua pesquisa antropológica de doutorado na Universidade de Columbia com um foco nos papéis de gênero numa comunidade indígena canadense, o Ojibwa. Seus livros mais influentes: *Sociologia Ojibwa*, *As Mulheres Ojibwa* e *A Cidade das Mulheres* evidenciaram “os papéis, anteriormente esquecidos, que mulheres, como indivíduos, ocupavam na sociedade” (NORD, s/d, p. 5\*).

Como seus mentores no doutorado, Franz Boas e Ruth Benedict influenciaram muito o trabalho de Landes. Boas, como “o pai da antropologia americana”, transformou a disciplina com uma focalização na evolução cultural e o “ponto de vista

nativo”. Ele enfatizou o trabalho de campo empírico, o relativismo cultural e a aculturação como “um resultado do crescimento dos ‘contatos entre culturas’ caracterizados pelo mundo moderno” (COLE, 2003, p. 91\*)<sup>4</sup>. Uma carta de Ruth Benedict a Landes, depois que ela voltou da Bahia, demonstra a maneira com que as pesquisas e conclusões de Landes serviram para a criação da “ciência de cultura” da antropologia de Boas (HEALEY, 1998, p. 91):

Estou bem animada sobre o que você escreveu de suas sacerdotisas vudu... Pode determinar se grupos indígenas nestas regiões foram expostos aos negros e possivelmente influenciados? Este estudo na Bahia tem que ser usado na reportagem do Conselho SA, com a maior ênfase nas repercussões no povo índio nativo (mas claro que isso não é sua ênfase na reportagem sobre a cultura baiana). Como é a cultura material? Você está prestando atenção se a influência negra está alastrando-se a Amazônia? (RB A RL, 12/1/1939, NAA\*).

A atitude de Benedict enfatizou o primitivismo das “sacerdotisas vudu” e uma grande ênfase nas populações indígenas em vez da população afrodescendente. “Primitivismo” durante esta época referia-se à ideia de que o homem antigo (ligado aos índios americanos) tinha uma pureza nas civilizações simples que foi corrompida nas complexidades e inovações da vida moderna. Esta teoria procurou pesquisar os elementos africanos da cultura brasileira em comparação com a cultura europeia, para entender o processo de contatos de raças em países com uma grande variedade delas. Com frequência, pesquisas antropológicas durante esta época tinham ideias pré-concebidas para caber nos padrões e filosofias. Landes percebeu isso quando escreveu que “Boas apressou seus estudantes no campo para recolher os restos de culturas primitivas nas Américas, porque ele achava que estavam chegando ao fim” (LANDES, s/d, “Comment on Field Research”\*)).

Durante esta época, a Antropologia como disciplina acadêmica abriu-se para as mulheres, porque Boas “enfatizava habilidade, não gênero”. Boas entendia que, para interpretar “como mulheres, numa cultura particular, sentem ou porque atuem de um jeito” (NORD, s/d, p. 9), a pesquisadora tem que ser uma mulher também. Sua

---

<sup>4</sup> A teoria principal de Ruth Benedict no seu livro *Padrões de Cultura* argumentava que todos os aspectos de cultura são sujeitos às emoções e aos padrões básicos do povo naquela cultura. Esta suposição foi conhecida como *configuralismo*, e foi criticada como determinismo cultural, por causa da intenção de caber todos os elementos numa cultura em termos lógicos e consistentes.

identidade como mulher influenciava seus temas, estilos de pesquisar e a direção de suas carreiras porque era sua responsabilidade avaliar as mulheres de culturas diferentes (COLE, 2003, p. 55\*).

A acadêmica proeminente Margaret Meade, uma estudante de Benedict (e depois sua namorada também), não apoiava os métodos e as conclusões dos artigos que Landes escreveu sobre o candomblé e a Bahia em 1940. Meade considerou Landes “exasperante, porque ela sempre confundia a homossexualidade passiva com a ativa, e mais ainda, não se comportava nem como senhora nem como uma acadêmica ordinária e própria” (COLE: 2003, p. 282-3\*).

Segundo Mark Healey, a abordagem antropológica de Meade e Benedict tinha “gênero e sexualidade no centro de suas análises” (HEALEY, 1998, p. 88-91). Esta sensibilização feminina às vezes criou conclusões distorcidas que procuravam apoiar o feminismo dos Estados Unidos em vez da realidade de matriarcados ou relações de gênero progressivas nas culturas estudadas. Healey notou que suas “construções idealizadas naturalmente diminuíram a violência e a dominação” (HEALEY, 1998, p. 93\*). Isso é evidente em *A Cidade das Mulheres*, quando Landes idealiza o poder feminino e a harmonia racial na Bahia como uma realidade absoluta.

### **Metodologia de pesquisa de campo através da coleção de fotos**

Uma análise da coleção de fotos de Ruth Landes durante sua pesquisa na Bahia nos anos 1938-9 mostra seu olhar dentro dos terreiros de candomblé. Landes era uma antropóloga, não uma fotógrafa, mas usou a fotografia como documentação de suas pesquisas, no processo de escrever seu livro polêmico, *A Cidade das Mulheres*. Em geral, as fotos que Landes tirou na Bahia focalizaram as mulheres negras e a estrutura familiar nos terreiros. Ela não tinha um olhar artístico nem fotográfico, mas parece que tirou fotos de coisas diferentes e, pode-se dizer, exóticas na Bahia dessa época.

A aproximação de Landes aos seus informantes é evidente nas suas fotos e no seu livro. Ela gravou conversas específicas e conseguiu detalhes íntimos das vidas pessoais das personagens. Nesta forma, a pesquisa de Landes se beneficiou em considerar os indivíduos que compõem um grupo social, em vez de estudar o grupo

como a entidade inteira. A segunda atitude era a padrão na antropologia no início do século XX, como Sally Price explica:

A atitude ocidental de negar uma história aos povos ágrafos não é apenas a idéia de que a história inexistente se não se escreve. Isto certamente faz parte da idéia. Entretanto, há outros supostos, estreitamente relacionados. Um deles é o de que estas sociedades são menos individualistas que a nossa, que seus membros são de certo modo intercambiáveis, que todos se entregam às mesmas atividades, que todos têm as mesmas capacidades e conhecimentos culturais. Conforme escreve um autor: "A arte de uma tribo é a manifestação de toda a tribo; nunca é o trabalho de um homem" (PRICE, 1996, p. 211).

Na sua pesquisa na Bahia, Landes estudou candomblé como uma religião feita de pessoas dinâmicas e, principalmente, dirigida por mulheres negras. Com suas fotos e sua narrativa em *A Cidade das Mulheres*, ela deu um rosto humano à religião e às líderes da época. Como Landes explicou numa resenha em 1971,

com bastante frequência escritores negligenciam as individualidades de seus informantes como personalidades; a implicação metodológica é, então, que todos são iguais... talvez seja porque escritores aqui pensam em termos de "estratégia" em vez de "criatividade"... Eu, pessoalmente, não posso nomear o mundo afro-brasileiro que eu conheci sem ouvir, ver e sentir instantaneamente os atores vivos nele (LANDES, 1971, "Book Review of *Afro-American Anthropology*).

Esta colocação sugere que Landes escreveu a partir de sua própria experiência nesses terreiros específicos (Gantois, Opô Afonjá, Engenho Velho, a casa de Flaviana e o terreiro Caboclo de Sabina) para concluir sua tese de matriarcado nos candomblés. Ela não quis falar sobre "todos" como se fossem "iguais" então deixou espaço para debater a uniformidade da liderança feminina na religião. Este debate sobre papéis de gênero e "autenticidade" no candomblé existe ainda hoje, 75 anos depois (CORRÊA, 2000; MATORY, 2005).

Analisando seu olhar como fotógrafa, parece que Landes tinha um grande interesse na organização familiar da religião e especialmente como as mulheres mandavam nas casas. Esse interesse é confirmado no livro que ela escreveu depois, no qual ela diz que começou



a achar que este era realmente um templo de matriarcas e que os homens, embora desejados e necessários, eram principalmente espectadores... [As mulheres] eram de pele escura, fortes e grandes, e nada tinham dos modos recatados que a classe alta considera femininos e sedutores. De fato, pareceram-me homens vestidos com as saias das baianas (LANDES, 1967, p. 88).



Figura 1: "Maria José com a sua filha", Setembro de 1938

Landes focalizou nas personagens, ou seja, nos indivíduos ao invés da coletividade como sua abordagem antropológica. Sempre quando possível, as legendas anotam os nomes das pessoas fotografadas com descrições detalhadas para lembrar do lugar e da pessoa (embora sua escrita nem sempre seja legível). Por exemplo, Landes fotografou com frequência uma mulher chamada Osidagan, que era, como Landes escreveu, "segunda comandante, a Aninha, na roça dela. Domingo, na casa de Xangô, usando roupa branca de Oxalá" (LANDES, 91-4\_0328v)<sup>5</sup>.

Ela também registrou os nomes das famílias proeminentes dos terreiros, como no Gantois, em que tirou uma foto de "Menininha e suas filhas" (LANDES, 91-4\_0364v) e outra de "Maria Jose, Carmen e Senhor Álvaro" (LANDES, 91-4\_0359v).

<sup>5</sup> Essas citações das fotos indicam o número do catálogo como foram acessadas no Museu Afro-Digital da Bahia, CEAO, UFBA.

Maria José era esposa do ogã Manoel, iniciada por Mãe Menininha e amiga de Landes, que andou com ela em várias ocasiões ao longo de sua pesquisa. Carmen é a filha de Mãe Menininha, que se tornou mãe-de-santo depois da morte da mãe em 1986, e dirige o terreiro ainda hoje.



Figura 2: "Maria Jose, Carmen, Dr. Alvaro" no Gantois, Setembro de 1938.

A metodologia de Landes e sua prática de trabalho de campo causaram as maiores controvérsias em sua carreira. Landes trabalhava "concretamente na tradição que definiu observação e encontros cara-a-cara como ponto inicial da investigação social" (GACS et al, 1988, p. 212\*). Como estudante "desviante" de Benedict (LAPSLEY, 1999, p. 226\*), Landes fez seu trabalho de campo com um foco nos indivíduos influenciados pela cultura, e não como culturas completas e uniformizadas, como fazia Benedict (GACS et al, 1988, p. 212\*).

Os críticos rejeitaram sua tese de candomblé como matriarcal porque ela não apresentou suas conclusões num jeito tradicionalmente científico. Essas explicações de Landes mostram que ela nunca considerou a ciência convencional nem como o meio nem como fim de seu trabalho de campo. Sua imersão na cultura estudada deu-lhe uma perspectiva envolvida, mas também a colocou em situações inaceitáveis para mulheres de seu estado durante esta época. A promiscuidade de Landes nessas comunidades negras e pobres de candomblé atraiu a crítica e a atenção de funcionários brasileiros e seus colegas norte-americanas.

## O relacionamento entre Carneiro e Landes

Um exame dos detalhes de suas pesquisas e seu relacionamento, de agosto de 1938 a fevereiro de 1939, evidencia como Carneiro influenciou Landes em seu processo e seus produtos finais: o artigo “Matriarcado cultural e homossexualidade masculina” (1939) e o livro *A Cidade das Mulheres*. Landes estava consciente da ajuda indispensável que Carneiro lhe deu durante sua pesquisa na Bahia. Em *A Cidade das Mulheres*, Landes explica que

naquela terra, onde a tradição trancava as mulheres solteiras em casa ou as lançava à sarjeta, eu teria sido incapaz de me locomover, a menos que escoltada por um homem de boa reputação. E ali estava ele. Além do mais, para os negros era a melhor garantia possível de que eu não era uma espã da classe alta, nem uma simples enxerida; e, até certo ponto, ele anulava o mal-estar que sentiam na presença de estrangeiros. Ainda que eu não fosse tão obviamente uma gringa [o rosto dela é branco como um lençol, diziam as crianças, arregalando os olhos; por isso a referência ao termo “gringa”], os negros teriam hesitado em falar comigo sozinha, para meu próprio bem... Mas Édison, que vivera entre eles toda a sua vida e os descrevia na imprensa diária, apresentava-me e era considerado o meu ‘protetor’ (LANDES, 1967, p 50-51).

Landes preferia ficar longe da “colônia americana na Bahia, de mais ou menos 200 pessoas”; ela não se relacionou com esta vida separada dos estrangeiros e explicou como “eles não queriam nada da Bahia, do povo, da vida... Eu me voltei para Edison e a vida do culto nos absorvia.” Quando ela chegou à Bahia, seu primeiro guia, Jorge, “odiava e detestava” os candomblés, e tentou convencer Landes que os candomblés “matam! O candomblé é magia negra! É superstição! Eles não são civilizados! Não, me perdoe, mas não posso te acompanhar lá” (LANDES, 1970, p. 130-133\*). Essa atitude era comum na comunidade americana também. Portanto, para completar sua pesquisa, ela precisava afastar-se dela a aproximar-se de Carneiro.

Landes conheceu Carneiro nos círculos acadêmicos baianos, apresentada por Artur Ramos. Ela imediatamente reconheceu Carneiro como uma boa autoridade e colega, explicando que “ele só tinha vinte e sete anos, mas o número e a originalidade de seus estudos sobre os negros brasileiros e os candomblés e a solidez de sua reputação me levavam a esperar um homem bem mais velho.” Landes relacionou-se e ligou-se a Carneiro bem rápido, percebendo que como poderia “entender a Bahia sem

aprender por experiências diretas o candomblé?”. Decidiram trabalhar juntos, para reunir “seus recursos, sua sabedoria, seu tempo, e suas observações” (LANDES, 1947, p. 13-14-35). Carneiro guiou Landes com seu conhecimento da etnologia baiana e sua ligação especial com os terreiros. Em *A Cidade das Mulheres* Landes descreveu a opinião de Carneiro sobre a tradição das pesquisas em candomblés:

Os aristocratas sempre condescendem – resmungou, em voz calma, carregada de intensidade, tirando baforadas do seu cigarro – e quando alguns deles resolvem estudar candomblé, colhem material chamando os negros aos seus escritórios para entrevistas, porque são muito orgulhosos ou muito preguiçosos para visitar os templos nos arrabaldes. Mas você tem de ir a eles. Você não pode esperar que se portem com naturalidade num escritório ou num hotel. E eles saberão que você os respeita, se for a eles. Eu a apresentarei (LANDES, 1967, p. 56).

Esta atitude complementou as ideias de Landes em relação às conexões individuais e pessoais no processo de pesquisa; entendeu que, para ela e para outros estrangeiros, o campo “não é a vida real... Mas para Edison, ao contrário, ‘o campo’ era sua vida e seu trabalho também” (LANDES, 1970, p. 133\*). Como orientador e um pardo na Bahia, Carneiro trabalhava numa posição estratégica de ser ao mesmo tempo “de dentro” e “de fora” da comunidade que ele estava estudando.

Embora Carneiro se identificasse como separado e diferente da classe aristocrática, Landes o via de um jeito diferente. Ela escreveu que ele

era um liberal, e até mesmo o consideravam radical em certos círculos; mas absolutamente não era um homem do povo. A sua natureza de classe pertencia a um sistema de pensamento diferente da sua ideologia política e social. Isto se revelava na sua vestimenta e na sua fala, no seu próprio interesse pelos negros, e provinha da sociedade em que fora educado. Não estava absolutamente cômico disso e talvez achasse graça nesta minha opinião... no ano em que eu conheci Édison, e o via quase todo dia, ele nunca apareceu sem chapéu, paletó, colarinho e gravata.... ao contrário dos costumes dos povos de língua inglesa, o fato de ser de raça escura não o excluía da aristocracia... (LANDES, 1967, p. 100-101).

Numa carta pessoal, Carneiro respondeu sobre seu tratamento no livro: “Não estou sempre satisfeito com seu retrato, em relação a minha aristocracia, divertem-me as coisas que você relembra” (EC A RL: 28/8/1947, CNFCP)<sup>6</sup>. Os colegas de Carneiro

---

<sup>6</sup> Essas citações indicam correspondências entre Edison Carneiro (EC) e Ruth Landes (RL) e o arquivo onde foram acessadas. Todas as cartas acessadas no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) usadas neste ensaio foram escritas em Inglês, e eu as traduzi para este ensaio. Todas as cartas acessadas no National

concordaram com respeito a seu comportamento, observando que ele só tinha amigos brancos e conscientemente apresentava-se de um jeito burguês. A participação de Carneiro no PCB colocou ele mesmo e sua parceira Landes como pesquisadores de candomblés numa posição precária. Embora Carneiro nunca trabalhasse como militante comunista antagônico à ditadura em público, percebia os perigos para sua pesquisa e trabalho. A suspeita e a repressão aos terreiros pelo Estado Novo nos quais estavam trabalhando eventualmente os deixaram perseguidos e exilados pelo governo federal da Bahia<sup>7</sup>.

As cartas entre eles mostram que Carneiro e Landes tiveram um relacionamento romântico enquanto estiveram juntos na Bahia. A literatura em geral não valoriza muito este aspecto de seu relacionamento, mas este fato criou uma ligação fundamental entre eles, facilitando uma conexão e uma colaboração mais profunda e duradoura. Seu romance guiou-os juntos. Carneiro chamou de “tantos dias lindos nos candomblés da Bahia” (EC A RL: 22/2/1946, CNFCP) o tempo que passaram juntos, para ajudar Landes a escrever um conto controverso sobre o candomblé, apresentado para o mundo inteiro.

Como Carneiro refletiu mais tarde na vida, “você estava no cruzamento de minha vida - você pegou minha mão, eu segui em sua direção e marchamos juntos. Que alegria você me deu!” (EC A RL: 22/10/1939). Juntos tornaram-se autoridades internacionais nos estudos afro-brasileiros e publicaram trabalhos que são relevantes até hoje. Apesar das emoções fortes que Carneiro sentia por Landes<sup>8</sup>, ele sempre valorizava “nosso belo contato intelectual” em vez de seus sonhos irrealistas de casar-se e criar uma família (EC A RL: 18/11/1939, 14/7/1939, NAA).

Landes voltou ao Brasil em 1940 e, como explicou numa carta a Carneiro, “não estava muito estudiosa por causa da Guerra Mundial”; publicou dois artigos bem influentes e controversos que utilizam a análise de sua pesquisa com Carneiro na Bahia; chamam-se “Matriarcado Cultural e Homossexualidade Masculina” e “O Culto

---

Anthropological Archives (NAA) foram escritas em Português salvo os seguintes que eu traduzi: RB a RL, 12/1/1939, EC a RL, 28/5/1946, 7/7/1939, 14/7/1939, 22/12/1939.

<sup>7</sup> Mais informações sobre a perseguição de Landes e a posição de Carneiro como comunista é explicado em ANDRESON, 2012.

<sup>8</sup> Depois que Landes saiu da Bahia em 1939, Carneiro escreveu a ela com um tom mais desesperado, dizendo coisas como “Eu te preciso”, “Eu te amo, porque não está me escrevendo?”, “Eu preciso ter você de novo para ser feliz... meu amor sempre estarei te protegendo e te guardando” (EC a RL, 18/11/1939, 11/11/1939, 8/6/1939, NAA)

Fetichista no Brasil”. Landes escreveu sobre o papel dos homossexuais “passivos” no candomblé - como negavam seu gênero por seus desejos de ser mulheres, aproximando-se à mãe de santo matriarcal. Ela explica como alguns se vendiam na rua como prostitutas, enquanto outros “restringem seu feminismo cada vez mais para as ocasiões do culto, enquanto na vida secular tentam imitar as ações dos homens” (LANDES, 1940, p. 394\*). Seus artigos também elaboram a degradação da tradição do caboclo em contraste com o prestígio do nagô. Esses artigos apresentam informações e análises condensadas, que são mais alongadas e explicadas em *A Cidade das Mulheres* (1947). Landes também traduziu o artigo que Carneiro escreveu chamado “The Structure of African Cults in Bahia” que apareceu no *Journal of American Folklore*. Estes artigos escritos por Landes e Carneiro facilitaram a propagação de suas ideias na antropologia e nas comunidades acadêmicas nos Estados Unidos.

Depois de voltar, Landes teve dificuldade de encontrar um bom emprego, em parte por causa das percepções que seus colegas americanos tinham sobre seu jeito de pesquisar no Brasil e seu comportamento nas comunidades negras. Isso afetou seu relacionamento com a antropóloga proeminente Margaret Meade, que disse em 1940 que “toda esta besteira que está circulando sobre ligações, fidelidades, partidos e lados deveriam ser desencorajadas... não deixe que ninguém a coloque na situação de ser a responsabilidade de um qualquer” (MM A RL: 5/3/1940, MPP) - possivelmente aludindo a seu relacionamento íntimo com Carneiro. Em uma aparente carta de recomendação, Meade opina sobre Landes que “suas deficiências mais conspícuas são no campo da organização... ela cabe melhor como membro de um time de pesquisa ou num departamento como membro menor, em vez de ter toda a responsabilidade” (MM A RL: 1940, MMP\*). Esta falta de apoio dos colegas como Meade deixou Landes “em Nova York, por um tempo indefinido, sem nada para fazer” (RL A MM: 20/9/2948, MMP\*).

### **As recepções do livro *A Cidade das Mulheres***

Sete anos depois de voltar do Brasil, Landes contou a Carneiro numa carta que “depois da guerra eu finalmente comecei com o livro sobre a Bahia!” (RL A EC:

27/2/1946, CNFCP). A Segunda Guerra Mundial não só afetou as oportunidades profissionais de Landes e Carneiro, mas também a possibilidade de eles se reencontrarem. Carneiro se candidatou para um emprego com a esperança de morar com Landes em Londres, mas a Embaixada Britânica respondeu a Carneiro que “por causa da situação na Europa, o British Broadcasting não quer assinar um contrato nem comigo nem com ninguém”. Ele perguntou a Landes, “Você acha que eu posso ir a Nova York?”. Quando seus planos não deram certo, ele a avisou, “temos que renunciar a nosso casamento.... Não vejo horizontes lindos, só caminhos sombreados” (EC A RL: 7/7/1939, 14/7/1939, NAA). Os obstáculos para o brasileiro inibiram Carneiro de chegar aos Estados Unidos, mas também parece que Landes não lhe deu o mesmo apoio incondicional que ele lhe tinha oferecido. Eventualmente ambos se desistiram com suas aspirações de ficar juntos, casaram-se, portanto, com outras pessoas e focalizaram em outros objetivos na vida, mas sempre mantiveram contato um com o outro.

A explicação fornecida por Landes sobre seu processo de pesquisar e escrever seu livro, *A Cidade das Mulheres*, demonstra como os editores, o Macmillan Company, influenciaram seu tom e ponto de vista. Numa carta a Carneiro ela explicou: “eles querem publicá-lo, se eu escrever na primeira pessoa. Está vendo, eu me revelei... eles querem as identidades verdadeiras” (RC A EL: 27/2/1946, CNFCP). Landes e Carneiro tinham discutido o processo de publicação enquanto estavam juntos na Bahia, como Carneiro escreveu numa carta logo depois que Landes foi embora, “naturalmente você deve me propor como colaborador, simplesmente... o redator é que deve ter a última palavra” (EC A RL: 14/8/1939, NAA). Ele considerava que merecia uma dedicação de Landes, como ele fez em sua *Antologia do Negro Brasileiro*, sabendo que um crédito duma antropóloga como Landes da Universidade de Columbia seria uma honra e ajudaria com seu estatuto e suas possibilidades para o futuro.

Em 1940, Carneiro lembrou a Landes de criar um produto final de sua pesquisa, exclamando, “estou esperando o seu livro – e esperando também que a dedicatória não seja prejudicada por este ano de silêncio... ou por um novo amor” (EC A RL: 24/10/1940, NAA). Landes teve a intenção de dedicar seu livro a Carneiro, mas os editores consideraram uma dedicação imprópria, dado que ele é o personagem principal do livro. Os publicadores disseram a Landes que Carneiro parece um personagem

“compassivo e compreensivo” (RL A EC: 13/4/1946, CNFCP). Não tiveram interesse em reconhecer sua orientação acadêmica como a que facilitou a pesquisa de Landes para escrever este livro.

Depois de ter lido o livro final, Carneiro percebeu uma distorção de suas intenções originais de 1938 na Bahia e respondeu a Landes: “não posso me acostumar com a ideia de que você não criou o livro que você poderia ter escrito – um livro científico. Não estou sempre satisfeito com meu retrato”. Mas no geral ele concordou que ela “fez um livro honesto, verdadeiro, bom, e inteligente” (EC A RL: 28/7/1947, CNFCP). Num artigo publicado em 1953, “Os Estudos sobre o Negro Brasileiro”, Carneiro declarou que “embora Ruth Landes não tivesse podido publicar a memória científica que as suas pesquisas lhe permitiram fazer, e tivesse de usar o material recolhido para compor um livro de impressões da viagem, o seu *The City of Women* pode enquadrar-se bem na lista de estudos da ‘escola baiana’”. Embora Carneiro não tenha culpado explicitamente os editores pelas limitações de seu livro, com frequência ele expressou descontentamentos do modo como “Ruth Landes teve de usar as suas notas de campo ‘de uma maneira mais popular’ para compor o volume” (CARNEIRO, 1964, p. 108-227), como se o produto final estivesse fora do seu controle. Ele manteve a credibilidade de Landes como uma autoridade apesar de seu estilo de narrativa, que parece um diário de viagem e às vezes caracteriza os candomblés em vez de qualificar suas observações e conclusões como científicas e portanto verdadeiras.

Em 1942, dois anos depois da publicação dos artigos de Landes e cinco anos antes da publicação de *A Cidade das Mulheres*, Artur Ramos publicou um artigo chamado “Pesquisas Estrangeiras sobre o Negro Brasileiro” que desacreditou completamente os artigos de Landes em relação à sua tese de homossexualidade e matriarcado no candomblé. Este artigo de Ramos praticamente difamou a credibilidade e autoridade de Landes como antropóloga. Nele, Ramos declara que

é lamentável que algumas dessas conclusões, como por exemplo, do ‘matriarcado’ negro e controle da religião pelas mulheres na Baía, e do homossexualismo ritual nos negros brasileiros já estejam correndo os meios científicos e até anunciadas para publicação em revistas técnicas. [Ele afirma que] as observações e pesquisas dos estudiosos brasileiros afirmam essas conclusões fantasiosas (RAMOS, 1942, p. 188-190).



Este artigo teve um grande impacto para prejudicar os relacionamentos futuros de Landes, Margaret Meade, Melville Herskovits e empregadores potenciais, mas a aproximou de Carneiro, que a defendeu e a apoiou até seu falecimento em 1972.

Num artigo publicado em 1964, chamado “Uma Falseta de Artur Ramos”, Carneiro respondeu publicamente ao artigo de Ramos e defendeu seu trabalho com Landes como legítimo e vantajoso. Ele escreveu 20 anos depois de Ramos, “para reparar uma injustiça que veio do orgulho e vaidade de Artur Ramos”. Carneiro qualificou seu guiamento, provando que “nunca, absolutamente nunca, letrado algum, brasileiro ou não, tivera tanta intimidade com os candomblés da Bahia”, enquanto Ramos “que se considerava e era considerado no passado o dono do assunto”, nunca fez pesquisa no campo, e seu “contato pessoal com os candomblés da Bahia era superficial” (CARNEIRO, 1964, p. 225). Para concluir, Carneiro marcou sua posição: “fui amigo de Artur Ramos, sou amigo de Ruth Landes” (CARNEIRO, 1964, p. 227). Durante toda sua carreira, Carneiro escolhia lados, portanto se ligou a Landes sempre. Esta tendência poderia ter influenciado sua credibilidade e autoridade a longo prazo.

Em 1970, após a segunda viagem de Landes ao Brasil em 1967, Landes candidamente e publicamente refletiu sobre seu relacionamento e trabalho com Carneiro num artigo chamado “Uma Mulher Antropóloga no Brasil”. Nele ela afirma:

Tenho certeza que na história de pesquisa do campo, ninguém tinha sido mais afortunado do que eu com minha associação com Edison. Apesar da reputação de Carneiro como estudioso e escritor... o fato era que eu não podia andar na Bahia sem sua “proteção” de homem... Eu sei que os negros me aceitaram porque ele me garantiu, e eu dependia dele inteiramente (LANDES, 1970, p. 128, 129, 131\*).

Esta confiança e ligação estreita tiveram consequências positivas e negativas pelo futuro de Landes e Carneiro, mas sem dúvida aproximou-os e suas ideias aos olhos do público.

Muitos jornais e professores dos Estados Unidos reviram seu livro *A Cidade das Mulheres* depois da publicação em 1947. As manchetes demonstram a percepção exótica e primitiva dos norte-americanos em relação ao Brasil nesta época, incluindo manchetes como “Sacerdotisas da Selva Governam 400.000 Homens”, “Negros Vivendo sem Racismo”, “Conto Semisselvagem Retrata um Culto Vudu”, e

“Exploradora Conta Segredos do Culto da Selva”. Estes artigos refletem como o público percebia a experiência e as conclusões de Landes. Em geral, pessoas reconheciam o mérito de seu livro como “um livro completamente legível” e “um conto popular escrito sobre o candomblé”, mas que Landes “era uma menina impressionável” que “assumiu uma abordagem turística” com “deficiências metodológicas”<sup>9</sup>. Esta resposta mista sobre Landes como uma mulher e uma pesquisadora perpetua nas discussões de seu trabalho até hoje.

Os ataques mais severos vieram de Melville Herskovits, Artur Ramos e seus apoiadores, que se reuniram para “virtualmente fechar sua carreira acadêmica” (MATORY, 2005, p. 246\*). Herskovits fez uma resenha de *A Cidade das Mulheres* no jornal *American Anthropologist* em 1947, e usou os defeitos de Landes como uma oportunidade de discutir a questão: “que tipo de treinamento devemos dar para estudantes que vão pesquisar no campo?”. Declarando-se como a autoridade, Herskovits exige que pesquisadores do campo “têm que esforçar-se por obter uma imparcialidade”, contrariando diretamente a metodologia de Landes, a qual promove ligações pessoais e individuais no processo de pesquisar. Ele reclamou explicitamente que “Landes não estava adequadamente equipada de maneira nenhuma para encontrar os problemas práticos da pesquisa do campo nos trópicos” e que “ela sabia tão pouco da origem africana do que iria estudar, nem perspectiva ela tinha”; também notou definitivamente que “a tese básica é errada”. Ainda na geração do século 21, o antropólogo J.L. Matory escreve em apoio à visão de Herskovits,

Ela reforçou ainda a alegação de que a nação Nagô/Queto conferia a liderança sacerdotal exclusivamente às mulheres. Então, para Landes e os seus numerosos fãs norte-americanos, o Candomblé nagô/queto de Salvador da Bahia pareceu um exemplar brilhante do matriarcado no mundo real (MATORY, 2008, p. 113).

Embora Landes estudasse a questão de gênero como uma discussão mundial do poder das mulheres, usou as palavras das próprias mães e filhas-de-santo na sua argumentação. Claro que, de certa forma, todo acadêmico manipula suas fontes na

---

<sup>9</sup> As citações destas manchetes são incompletas. Acessei-as nos National Anthropological Archives (NAA) Box 59: Reviews of City of Women. As citações disponíveis estão na bibliografia.

construção de um argumento, mas um exame do processo de sua pesquisa (com fotos, correspondências, notas) mostra como ela realmente interagiu com os baianos e gravou sua experiência para chegar o mais próximo à experiência vivida. Herskovits, Ramos e agora o antropólogo Matory procuravam desaprovar sua tese de matriarcado e homossexualidade do candomblé e defendiam que “os homens ocupam espaços tão importantes como os das mulheres” (HERSKOVITS, 1948\*).

Landes sempre percebia um conflito entre ela e Herskovits, mas não sabia da severidade dos ataques de Herskovits e Ramos até bem mais tarde na sua vida. Numa carta escrita a Edison em 1946, ela explica como “Herskovits não gosta de mim porque eu estudei com Boas em vez dele! O mundo de antropologia é muito pequeno, e pessoas amam brigar! (Mas não importa, porque eu não acho que vou voltar a este mundo)” (RL A EC: CNFCP, 13/4/1946). Décadas à frente, num discurso, ela reclamou: “parece que isso [o criticismo de Ramos] apareceu em publicações em português e francês há 25 anos ou mais, embora eu não soubesse até que um colega brasileiro [Edison Carneiro] escrevesse ensaios sobre o assunto” (LANDES, s/d, p. 6)\*. Perto do final de sua carreira, Landes foi solicitada a responder à crítica no artigo “A Woman Anthropologist in Brazil” (1970). Neste artigo, finalmente enfrentou a acusação que ela era “sem formação e duvidosa”, “usou iscas sexuais para segurar informantes” e até que “dirigiu um bordel no Brasil” (LANDES, 1970, p. 129\*). Enquanto muito disso pode ser reduzido a boatos e lealdades pessoais, as críticas a Landes têm preocupações legítimas em relação a suas metodologias, conclusões e seus efeitos na sociedade Baiana.

### **Conclusão: a importância de Carneiro e Landes nos Estudos Afro-Brasileiros**

Como fonte primeira, *A Cidade das Mulheres* é muito valiosa e inevitavelmente subjetiva. Em geral, seu estilo narrativo estabelece um jeito acessível de examinar o candomblé e acessar suas experiências nas cerimônias raras que poucas pessoas gravaram naquela época. Embora seu livro falhe em contextualizar sua análise de matriarcado na tradição Nagô e nos terreiros específicos, os quais ela e Carneiro estudavam e valorizavam, é uma fonte primária rica. De várias maneiras, sua análise derivou de suas intenções predeterminadas de estudar e defender os papéis de mulheres

em culturas como seu projeto de antropologia. Além disso, seu tratamento de raça neste trabalho parece simples e curto, aceitando a tese de democracia racial de Freyre, em vez de desafiar a questão de raça baseada em seu ambiente verdadeiro na Bahia.

Embora seus métodos de pesquisar facilitassem ligações significativas com indivíduos, sua decisão de trabalhar sozinha, fora da colônia americana, era ousada e potencialmente perigosa. Enfim, após ter examinado o trabalho e a carreira inteira de Carneiro, parece que seu tratamento de Carneiro em *A Cidade das Mulheres* nem lhe dá o crédito merecido nem representa sua visão progressiva como deveria ter dado a um relacionamento tão profundo.

Deve ser notado que quase nunca se discute Carneiro na literatura sem pelo menos uma referência ou uma seção dedicada a Landes. Em menor medida isso é também verdade na literatura sobre Landes. Eles são ligados inextricavelmente como vozes unidas nos estudos afro-brasileiros. Até este ensaio começou como uma pesquisa sobre os trabalhos e a carreira de Carneiro, mas transformou-se num exame detalhado sobre sua colaboração com Landes. Isso é porque em minhas pesquisas não achei nenhum estudo especificamente sobre os detalhes deste relacionamento tão profundo e controverso.

No presente ensaio se revela as complexidades da carreira de Carneiro e seu relacionamento com Landes como complicado e às vezes ambíguo. Landes chegou no Brasil em 1938 com uma perspectiva informada por questões de gênero, pressões da tradição de Franz Boas e estruturas antropológicas que influenciaram seu processo e suas conclusões. Embora sua tese seja um pouco generalizada e pré-determinada, seu processo é útil para entender porque sua experiência tinha um impacto tão grande no Brasil.

O foco em Carneiro como indivíduo que guiou Landes permite que ele seja entendido como um acadêmico baiano signficante e aliado da comunidade do candomblé. Carneiro começou sua carreira como comunista, jornalista e historiador para apoiar e representar a comunidade negra brasileira. Mas as pressões das elites, a competição pela autoridade e o oportunismo distraíram Carneiro de suas intenções primárias. Possivelmente sua atitude inconsistente e sua indisposição a formar aliados deixou-o nas sombras de colegas mais orgulhosos e ousados.

Entre essas opiniões e reações conflitivas sobre Landes e Carneiro, este ensaio procurou neutralidade para analisar as fofocas e as evidências fundadas em correspondências e fontes, ambas publicadas e não-publicadas. Este assunto é bem relevante nos estudos afro-brasileiros e na sociedade baiana. A presença das teorias e a memória de Landes nos candomblés da Bahia ainda é forte. Ela é celebrada como uma aliada e defensora das mulheres baianas tanto pelas matriarcas como pelas acadêmicas feministas. Ao longo do século XX e no início do século XXI havia uma grande ampliação e diversificação de nações e práticas de candomblé daquela época para hoje. Estas mudanças têm que ser consideradas quando falamos sobre a transformação do candomblé como uma organização social e a relevância deste debate do matriarcado e o legado de Ruth Landes para o contexto atualizado. Porém, os livros de Carneiro e Landes têm influenciado bastante o campo de estudos afro-brasileiros como etnografias ricas em detalhes, narrativas e personagens fundamentais que fornecem um olhar às relações de raça e gênero nos candomblés da Bahia nas décadas de 1930 a 50.

---

#### RUTH LANDES AND EDISON CARNEIRO: MATRIARCHY AND ETHNOGRAPHY IN THE CANDOMBLÉ OF BAHIA (1938-9)

**Abstract:** This article examines the personal and professional relationship between Brazilian Ethnologist Edison Carneiro and American Anthropologist Ruth Landes in late 1930's Bahia. As a historical narrative, it utilizes original sources to understand their fieldwork collaboration, which informed the conclusions made in Landes' polemic book, *The City of Women* (published in 1947 in English, and 1967 in Portuguese). This article also responds to the debates regarding Landes' principal thesis of matriarchy as a structure of female leadership in the candomblés, and to the various critics of her thesis after its publication. Finally, it examines the legacy of Carneiro and Landes in the field of Afro-Brazilian studies in terms of their approaches to race and gender.

**Keywords:** Candomblé, Nagô, Afro-brazilian studies, Matriarchy

---

#### REFERÊNCIAS

ANDRESON, Jamie. "Edison Carneiro and Ruth Landes: Authority and Matriarchy in Candomblé Field Research, 1938-9". *Berkeley Undergraduate Journal* 25(1):117-145, 2012.

BOSTON SUNDAY POST, "Priestesses Rule 400,000 in Brazil: Women of Cults Dominate Jungle, Anthropologists Reports", August 6, 1939. Box 59: Reviews of The

City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

BRAGA, Julio. "Candomblé in Bahia: Repression and Resistance" em Religions, Culture and Resistance, 1999.

CAPONE, Stefania. Lucy Lyall Grant, trans. Searching for Africa in Brazil: Power and Tradition in Candomblé. Duke University Press, 2010.

CARNEIRO, Edison. "O programa dos trabalhos deste importante certame científico." Salvador, O Estado da Bahia. 8-01-1937. Acessado na Biblioteca Barris em Salvador: Periódicas Antigas

\_\_\_\_\_, Edison. "Instala-se hoje o 2 Congresso Afro-Brasileiro". Estado da Bahia. Salvador. January 11, 1937. Acessado na Biblioteca Barris em Salvador: Periódicas Antigas

\_\_\_\_\_, Edison. "O dia de ontem do Congresso Afro-Brasileiro". Estado da Bahia. Salvador. January 13, 1937. Acessado na Biblioteca Barris em Salvador: Periódicas Antigas.

\_\_\_\_\_, Edison. "2 Congresso Afro-Brasileiro". Estado da Bahia. Salvador. January 21, 1937. Acessado na Biblioteca Barris em Salvador: Periódicas Antigas.

\_\_\_\_\_, Edison. "Era a mais popular mãe-de-santo da Bahia." Salvador. O Estado da Bahia. Salvador, January 5, 1938. Acessado na Biblioteca Barris em Salvador: Periódicas Antigas.

\_\_\_\_\_, Edison. "O Congresso Afro-Brasileiro da Bahia", 1940 em Ladinos e Crioulos: Estudos Sôbre o Negro no Brasil. Editôra Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1964. In Retratos do Brasil v. 28-30

\_\_\_\_\_, Edison. "Correspondências a Ruth Landes". Rio de Janeiro: 22 de Fevereiro, 1947, 28 de Julho, 1947. Edison Carneiro e Ruth Landes, Correspondências, 1946-1951. Acessadas na Biblioteca Amadeu Amaral no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP)/IPHAN. Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_, Edison. "Correspondências a Ruth Landes". 28 de Maio, 1946. 8 de Junho, 1939. 7 de Julho, 1939. 14 de Julho, 1939. 31 de Julho, 1939. 14 de Agosto, 1939. 22 de Outubro, 1940. 24 de Outubro, 1940. 11 de Novembro, 1939. 22 de Dezembro, 1939. 18 de Novembro, 1939. Acessadas no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute. Box 2: Series 1: Correspondences: Received Letters.

\_\_\_\_\_, Edison. "Estudos Sobre O Negro Brasileiro", 1953 em Ladinos e Crioulos: Estudos Sôbre o Negro no Brasil. Editôra Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1964. In Retratos do Brasil v. 28-30

\_\_\_\_\_, Edison. "A Pátria para o Negro Brasileiro", 1957 em *Ladinos e Crioulos: Estudos Sôbre o Negro no Brasil*. Editôra Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1964. In *Retratos do Brasil* v. 28-30

\_\_\_\_\_, Edison. "Um Falseto de Artur Ramos", 1964 em *Ladinos e Crioulos: Estudos Sôbre o Negro no Brasil*. Editôra Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1964. In *Retratos do Brasil* v. 28-30

\_\_\_\_\_, Edison. *Candomblés da Bahia*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978 [Original 1948] in *Retratos do Brasil*, v. 106.

\_\_\_\_\_, Edison. *Castro Alves: Uma Interpretação Política*. Andes: Rio de Janeiro, 1947.

\_\_\_\_\_, Edison. *Religiões Negras e Negros Bantos*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_, Edison. "The Structure of African Cults in Bahia". *The Journal of American Folklore*. Vol. 53, No. 210 (Oct-dec., 1940), pp. 271-278. American Folklore Society.

\_\_\_\_\_, Edison. *O Quilombo dos Palmares*. Edição 2, Biblioteca Pedagógica Brasileira. Vol. 302, 1958.

\_\_\_\_\_, Edison. *Folguedos Tradicionais*. Rio de Janeiro: FUNARTE-INF. 1982.

COLE, Sally. *Ruth Landes: A Life in Anthropology*. University of Nebraska Press, 2003.

CORRÊA, Mariza. "O Mistério dos Orixás e das Bonecas: Raça e Gênero na Antropologia Brasileira" em *Etnografia*, 2000.

DANTAS, Beatriz Góis. Stephen Berg, trans. *Vovô Nagô e Papai Branco: Usos e abusos da África no Brasil*. Edições Graal Ltda., Rio de Janeiro, 1988.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas "Em Memoriam". *Revista de Antropologia*. Vol XXI (2.a. Parte) Universidade de São Paulo. Departamento de Ciências Sociais (área de Antropologia). São Paulo, Brasil, 1978.

FERREIRA, Maria. *O Sexto Sentido do Pesquisador: A Experiência de Edison Carneiro*. 5/6/2010. Autor: Anna Carolina Carvalho de Almeida Nascimento. Mestrado Programa pós-graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ. Acessado na Biblioteca Amadeu Amaral no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP)/IPHAN. Rio de Janeiro, 2011.

FREYRE, Gilberto. *The Masters and the Slaves*. Translated by Samuel Putnam, Knopf Press: New York, 1964.

GACS, Ute, et al (Aisha Khan, Jerrie McIntyre, Ruth Weinberg, editors). *Women Anthropologists: A Biographical Dictionary*. Greenwood Press, 1988. Park, George and Alice. "Ruth Schlossberg Landes", 208-213.

GANNET, Lewis. "Book Review: City of Women" in *Books and Things*. Box 59: Reviews of The City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

GRUIONI, Luís Donisete Benzi. *Coleções e Expedições Vigeadas: Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. Editora Hucitec: São Paulo, 1998.

HEALEY, Mark. "The Sweet Matriarchy of Bahia": Ruth Landes' Ethnography of race and Gender" *Duke University in Disposition XXii.50* (1998): 87-116. Department of Romance Languages, University of Michigan.

HERALD NEWSPAPER, "Review of City of Women", 6-22-49. Box 59: Reviews of The City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

HERSKOVITS, Melville J. "Review of City of Women" in *American Anthropologist*, Jan-Mar 1948. Box 59: Reviews of The City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

LANDES, Ruth. "A Woman Anthropologist in Brazil" in *Women in the Field: Anthropological Experiences*. Peggy Golde, ed. University of California Press, 1970.

\_\_\_\_\_, Ruth. *The City of Women*. New York: Macmillan Company, 1947.

\_\_\_\_\_, Ruth. "A Cult Matriarchate and Male Homosexuality" in *Journal of Abnormal Psychology*. 1940.

\_\_\_\_\_, Ruth. Book Review of *Afro-American Anthropology: Contemporary Perspectives*. By Norman E. Whitten and John f. Swed. 1971. Box 59: Reviews of The City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

\_\_\_\_\_, Ruth, "Comment on Field Research" in *Western Canadian Journal of Anthropology* [sem data]. Other Series in the Ruth Landes Papers, Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

\_\_\_\_\_, Ruth. "The Author Review His Book", 1948. Box 59: Publications, Reviews of City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

\_\_\_\_\_, Ruth. "Afro Brazilian Culture and New World Racism" [sem data]. Box 47, Series 3: Writings. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.



\_\_\_\_\_, Ruth, Field Notebooks. Brazil IV, Bahia. Box 9: Series 2: Research materials. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

\_\_\_\_\_, Ruth. "Correspondências a Edison Carneiro". New York: 27 de Fevereiro, 1946. 13 de Abril, 1946. 19 de Junho, 1946. Edison Carneiro e Ruth Landes, Correspondências, 1946-1951. Acessado na Biblioteca Amadeu Amaral no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP)/IPHAN. Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_, Ruth. "Fetish Worship in Brazil" in *The Journal of American Folklore*, Vol. 53, No. 210 (Oct. - Dec., 1940), pp. 261-270.

LAPSLEY, Hillary. *Margaret Mead and Ruth Benedict: The Kinship of Women*. University of Massachusetts Press, Amherst, 1999.

MACMILLAN COMPANY, "Review of *City of Women*", 5-20-47. Box 59: Reviews of *The City of Women*. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

MATORY, J. Lorand. *Black Atlantic Religion: Tradition, Transnationalism and Matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*. Princeton University Press, 2005.

MEADE, Margaret. "Correspondência com Ruth Landes". 5 de Março, 1940. S/D, 1940. Box C3. Acessado na Library of Congress, Manuscripts, Margaret Meade Papers (MMP), 2011.

MOORHEAD, Max L. "Review of *City of Women*", University of Oklahoma. Box 59: Reviews of *The City of Women*. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

NORD, Peter. "Ruth Landes: Women as Individuals" [sem data] do National Anthropological Archives, Ruth Landes Papers. Box 60: Biographical and Personal Files. Other Series in the Ruth Landes Papers. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

OLIVEIRA, Waldir Freitas and Lima, Vivaldo Da Costa, eds. *Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos: De 4 de Janeiro de 1936 a 6 de Dezembro de 1938*. Corrupio: São Paulo, December 1987.

POZNANKSI, Gitel, "A Study of Folk Life of Brazil" *New York Times*, Aug 3, 1947. Box 59: Reviews of *The City of Women*. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

PUTMAN, Samuel. Philadelphia. (sem data). "Book Review of *O Quilombo dos Palmares* in *Books Abroad*, October 1947. Em "Carneiro Correspondências". Acessado na Biblioteca Amadeu Amaral no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP)/IPHAN. Rio de Janeiro, 2011.

RAMOS, Arthur. "Acculturation Among the Brazilian Negroes". The Journal of Negro History, Vol. 26, No. 2 (April 1941), pp. 244-250. Association for the Study of African-American Life and History, Inc.

\_\_\_\_\_, Arthur. "Pesquisas Estrangeiras Sobre o Negro Brasileiro" em A Aculturação Negra no Brasil. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Vol. 224. Companhia Editora Nacional, 1942.

RODRIGUES, Raimundo Nina. O animismo fetichista dos negros bahianos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

\_\_\_\_\_. Os Africanos no Brasil. 7º ED. São Paulo: Nacional / Brasília: Unb, 1988.

ROMO, Anadelia. "Rethinking Race and Culture in Brazil's First Afro-Brazilian Congress of 1934" in Journal of Latin American Studies 39, no. 1, 2007.

\_\_\_\_\_, Anadelia. Brazil's Living Museum: Race, Reform and Tradition in Bahia. The University of North Carolina Press: Chapel Hill, 2010.

SHACKELFORD, Nevyle. "Review of City of Women", July 13, 1947. Box 59: Reviews of The City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

TALENTO, Biaggio e COUCEIRO, Luiz Alberto. Edison Carneiro O Mestre Antigo: Um estudo sobre a trajetória de um intelectual. 1st Edition. Assembleia Legislativa da Bahia, 2009.

VARELA, Sergio Armando G. "Violence and Marginality, Capoeira in Bahia before 1930" in: Varela, Power, Symbolism and Play in Afro-Brazilian Capoeira. PhD dissertation, University College, London, 2007.

WOLFE, Bertram D. "Review of City of Women" in New York Herald Tribune, August 24, 1947. Box 59: Reviews of The City of Women. Acessado no Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institute, 2011.

---

## SOBRE A AUTORA

**Jamie Lee Andreson** – Mestranda em Estudos Étnicos e Africanos no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia. Graduada em História pela University of California, Berkeley, Estados Unidos.

---

Recebido em 30/06/2013

Aceito em 16/07/2013